

Para qual sociedade retornaremos?
Filosofia, Educação e Sociedade em um Horizonte Pós-Pandêmico
To which society we will return?
Philosophy, Education and Society in a Post-Pandemic Horizon

Maurício Fernandes

Abstract

A pandemia originada pelo novo coronavírus, responsável pela doença denominada COVID-19, trouxe consigo um acirramento de problemas nos mais diversos campos da ação humana, com os quais nossa espécie convivia há alguns séculos. Desde problemas ambientais, bioéticos, econômicos, sociopolíticos, dentre outros, a pandemia acirrou a todos de forma premente. Atualmente somos marcados por uma heurística nutrida por um sentimento de final do antropoceno e pela sensação corrente de que não retornaremos para a mesma sociedade da qual nos retiramos recentemente. Tendo como horizonte o cenário atual e a imagem que já se projeta de uma sociedade pós-pandêmica, pretende-se neste artigo, tematizar o papel e a importância da Filosofia, a relação complexa entre Educação e reificação, e as movimentações entre desaceleração e controle que se apresentam no contexto da pandemia, procurando apontar que tanto a Filosofia quanto a Educação são importantes no fornecimento de elementos de compreensão e de transformações significativas na formação de uma sociedade pós-pandêmica.

Palavras-chave: Filosofia Prática, Educação, Ética da Desaceleração, Sociedade de controle, Pandemia.

The pandemic caused by the new coronavirus, responsible for the disease called COVID 19, brought with it a worsening of problems in the most diverse fields of human action, with which our species lived for some centuries. Since environmental, bioethical, economic, socio-political problems, among others, the pandemic has intensified everyone. Currently, we are marked by a heuristic nourished by a feeling of the end of the Anthropocene and by the current feeling that we will not return to the same society from which we have recently withdrawn. Having as horizon the current scenario and the image that is already projected of a post-pandemic society, this article intends, to thematize the role and importance of Philosophy, the complex relationship between Education and reification, and the movements between deceleration and control that appear in the context of the pandemic, seeking to point out that both Philosophy and Education are important in providing elements of understanding and significant changes in the formation of a post-pandemic society.

Keywords: Practical Philosophy, Education, Deceleration Ethics, Control society, Pandemic.

Maurício Fernandes – Doutor em Filosofia pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Filosofia na Universidade Federal do Piauí (Filosofia Prática/Filosofia da Tecnologia). E-mail: mauriciofernandes@ufpi.edu.br.

*À IZONEL “BRIZOLA” FERNANDES REZENDE (1953-2020)
Pela esperança e exemplo de que um mundo melhor é possível!*

Introdução

O novo coronavírus, responsável pela doença COVID-19, é a pauta atual em uma gama enorme de campos de conhecimento que vão desde a Saúde Pública até a Teologia. A Filosofia, neste contexto, se volta para os problemas enfrentados pelas sociedades humanas neste período, e para o tipo de sociedade que se configurará em um cenário pós-pandemia, promovendo contributos importantes como forma de acesso para se pensar uma realidade tão complexa como a atualmente vivida por parte massiva da população mundial. A Filosofia possui muito a oferecer na polifonia de vozes deste turbilhão que atravessamos, e principalmente, em uma sociedade pós-pandêmica que já manifesta seus primeiros estímulos e materializações no campo da política internacional.

O sentimento corrente neste momento é o de que, de repente, a vida adentrou em uma novela de ficção científica e nos direcionamos para uma sociedade tal qual aquela descrita por Mary Shelley¹ ou George Orwell², marcada pela extinção da espécie humana ou pela ascensão de uma nova sociedade de controle e do autoritarismo. Uma compreensão corrente nas reflexões sobre este cenário é que, de qualquer modo, regressaremos para uma sociedade diferente daquela que abandonamos meses atrás.

O vírus acirrou antigos problemas com os quais as sociedades humanas convivem já há séculos. Problemas como o controle do estado sobre os indivíduos e o fluxo de informação, ocultamento de dados e desinformação, cerceamento da liberdade de expressão, a desigualdade social, má distribuição de renda, falta de transferência tecnológica, egoísmo e individualismo, desemprego e precarização das condições do trabalho, perda de sentido, desorientação histórico-cultural, xenofobia e *aporofobia*³, problemas ambientais, bioéticos, econômicos, sociopolíticos, dentre outros, foram acirrados. Neste período de pandemia, o temor diante da letalidade do vírus e das medidas para contenção de sua disseminação impõem uma nova compreensão dos ritos de passagem, das relações humanas, do afeto, da empatia, da solidariedade; também alterou drasticamente nossa compreensão sobre a morte, que passou a figurar no horizonte de forma muito próxima.

Desde seu aparecimento, em dezembro de 2019 na cidade chinesa de Wuhan, o novo coronavírus (COVID-19) revelou falhas éticas gravíssimas nas respostas e enfrentamento ao vírus, que poderiam ter proporcionado a dianteira no combate e prevenção do mesmo, tais como ocultação, desinformação e flagrante má administração de testes e na instauração da quarentena em

¹ SHELLEY, Mary. *O Último Homem*. São Paulo: Editora Landmark, 2010.

² ORWELL, George. *1984*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

³ Conceito cunhado pela filósofa espanhola Adela Cortina, significando aversão, fobia ou desprezo pelos pobres. Cf. CORTINA, Adela. *Aporofobia*, el rechazo al pobre. Um desafio para a democracia. Barcelona: Paidós, 2017.

diversos países, o que permitiu ao vírus ganhar a dianteira espalhando-se por todos os continentes principalmente através das rotas aéreas⁴. Os primeiros casos, ainda na cidade de Wuhan, ao serem expostos em uma mídia social por um médico⁵, foram o pivô para este ser repreendido pelas autoridades em uma atitude de quebra da liberdade de expressão, que é assegurada pela legislação vigente no país⁶. Esta quebra da liberdade de expressão incorreu em um retardo das ações de controle precoce da epidemia e expôs a população à uma proliferação maior⁷. Este fato levou o prefeito de Wuhan a realizar, posteriormente, um pedido público de desculpas à população e a cogitar a renúncia do cargo⁸.

Filosofia e pandemia

A sociedade que abandonamos meses atrás estava marcada por um movimento acirrado de abandono do pensamento crítico. O retorno de antigos espectros do autoritarismo em vários países marcava uma ascensão ou ápice de um *antifilosofismo*⁹ que ganhou mundo, adentrando, inclusive, os espaços acadêmicos das universidades, já enfraquecidas pela perda de seu *ethos – a universitas*. A ampliação do poder sistêmico sobre as universidades, empurrou gradualmente tanto a Filosofia, quanto as Ciências Humanas para a margem ignóbil da “improdutividade”, que nos discursos correntes, são descritas como não fornecendo algo de prático para a sociedade, logo, é utilizado este discurso para cortes e retirada de recursos de tais campos. E este critério do “prático” por vezes seduz até mesmo filósofos despercebidos ou insatisfeitos com o fazer filosófico, que veem na prática científica e tecnológica algo que supere a Filosofia.

Diante deste cenário, marcado pelo antifilosofismo, há, recentemente, a construção de um discurso *salvífico* das ciências “duras”, pois em um futuro próximo fornecerão a cura para o novo coronavírus (COVID-19) e procederão à uma produção de condições de controle do vírus, que, aos

⁴ FRIEDMAN, *Coronavirus and the Crisis of Trust*, 2020.

⁵ Dr. Li Wenliang, oftalmologista que trabalhava em um hospital afiliado à Universidade de Wuhan, relatou a existência de 7 casos de pacientes em tratamento por pneumonia com etiologia desconhecida, que foi associada inicialmente a SARS, e estes estavam reclusos no hospital, tendo o Dr. Li, atendido um paciente com os sintomas em 30 de dezembro de 2019. Do dia 31 de dezembro a 3 de janeiro de 2020 subiu para 44 casos. Após repreensão por parte das autoridades do país, no dia 07 de fevereiro de 2020 Dr. Li veio a óbito, infectado com o COVID-19 (LEI; QIU, *Chinese Bioethicists: Silencing Doctor Impeded Early Control of Coronavirus 2020*; WORLD HEALTH ORGANIZATION, *Novel Coronavirus (2019 – nCoV) Situation Report 1*, 2020).

⁶ LEI; QIU, *Op. Cit.*

⁷ LEI; QIU, *Op. Cit.*

⁸ RATCLIFFE; STANDAERT, *China Coronavirus: Mayor of Wuhan Admits Mistakes*, 2020.

⁹ O termo *antifilosofismo* aparece como verbete no *Dicionário dos Antis: A Cultura Portuguesa em Negativo*, sob a direção de José Eduardo Franco. Na página 804, o autor procura refletir sobre a postura antifilosófica do ambiente português contemporâneo. Aqui utilizaremos o termo em um sentido da recusa ao pensar que caracteriza nossa época, capilarizado nas instituições, inclusive, nas universidades. Cf. FRANCO, José Eduardo. *Dicionário dos Antis: A Cultura Portuguesa em Negativo*. Vol. 1. Lisboa: Imprensa Nacional, 2018.

poucos, se tornará algo corriqueiro nas sociedades humanas, e quiçá, erradicado mediante a vacina. Vale ressaltar a existência de uma debilitação massiva e descrédito da ciência na sociedade, e uma movimentação da opinião pública contra as universidades, que encontrou força na ascensão de cosmovisões religiosas ao poder político alinhadas com o discurso da direita e da extrema direita¹⁰. Enquanto a sociedade entrou em uma espera pela descoberta de uma vacina eficaz contra o novo coronavírus (COVID-19), as cosmovisões religiosas retrocederam em seu afã comercial da fé, mostrando que a cura não estaria consigo, mas com a ciência, a cura neste sentido, assumida como algo do campo objetivo. Este fato é recorrente na história humana, e reflete um ruído nos discursos tanto da ciência quanto da religião que marca a sociedade contemporânea, ambos carregando elementos ricos, mas também trazendo perigos.

Porém, neste momento faz-se necessária a cautela! É preciso ter cuidado para não jogarmos a criança fora junto com o banho! A religião não estará despedida em um horizonte pós-pandêmico. Mesmo que a ciência, em decorrência do temor que impera mundialmente, recobre sua força, o fenômeno religioso estará ainda vívido dentro destas mesmas sociedades e é passível que ocorra uma nova estruturação política de cosmovisões religiosas. Estamos diante de um movimento histórico de forças que movem o conhecimento humano, ora polarizado na ciência, ora polarizado na religião, são forças de um único e mesmo processo: a racionalização.

A Filosofia, justamente neste momento de crise, possui aportes ricos a oferecer. O primeiro deles é em decorrência de sua constituição pós-metafísica, no fornecimento de estímulos de tradução entre os mais variados discursos e a esfera pública. Neste caso, tanto a ciência, quanto a religião seriam enriquecidas com uma proposta e criação de *filtros de tradução*, uma vez em que seus discursos não possuem vinculação na esfera pública, que se nutre de forma fragmentária tanto do discurso científico quanto do discurso religioso. A Filosofia, por seu método e constituição, pode se propor a realizar a construção de espaços de cooperação mútua e de tradução, o que em última análise enriqueceria a esfera pública. Abordamos esta relação entre ciência e religião como ponto importante a se considerar neste momento pandêmico, pois, a sociedade não absorveu o discurso científico nestas últimas décadas, e tampouco compreende o próprio discurso da religião, atendo-se a expressões reificadas sistemicamente. Neste sentido, diante do quadro de agravo global em que nos encontramos esta confusão acrescenta uma sobrecarga psicológica aos indivíduos.

Em uma entrevista para a revista *Der Spiegel* em 1966, Martin Heidegger apontava que a Filosofia estava diante de seu fim, estava fracassada diante da sociedade que se erigia, marcada sobre tudo pela estruturação tecnológica. As pessoas se esquivariam da reflexão filosófica para encontrarem-se na mediação tecnológica proporcionada, principalmente, pela Cibernética¹¹. Porém, há algo que ainda permanece aceso no espírito humano, o questionamento sobre suas origens: Quem somos? De onde viemos? E para onde iremos? As perguntas fundacionais. Mesmo em um ambiente marcado pela hipermediatização tecnológica estas perguntas permanecem, e afloram neste

¹⁰ Movimento perfeitamente observável nas recentes eleições na Europa, nos Estados Unidos e Brasil, dentre outros, com a ascensão de partidos de extrema direita e disseminação e normalização de discursos de ódio.

¹¹ HEIDEGGER. *Já só um Deus nos pode ainda salvar*, 2009, p. 34.

momento em decorrência, principalmente, da exposição clara e direta de nossa fragilidade e vulnerabilidade, em suma, da finitude humana. A morte tornou-se um horizonte comum e próximo, possui rostos e nomes conhecidos, não é mais mera estatística, não é distante. Ela rompeu a regionalidade das catástrofes anteriores para atingir um âmbito global. E ao mesmo tempo, impõe novas compreensões acerca de nossas relações, de nossos afetos, de nossa pequenez e solidão, de nossos ritos fúnebres, dentre outros aspectos. É a *morte total*, aquela que é aliada à solidão e ao esquecimento, sem velório, sem rito, sem despedida. Este tipo de reflexão nos direciona para o campo da Ética, para questionarmos o que compreendemos por natureza humana, por humanidade, por alteridade – o rosto do outro.

A Filosofia tem muito a oferecer, pois movimentada conteúdos pertencentes ao campo do desejo humano, de sua incompletude, e projeção ao mundo. A Filosofia é sempre um projetar-se, nunca estacionário, sempre procurando uma resposta à incompletude – *porque o ser, e não antes o nada?* Neste momento, a Filosofia pode contribuir com cada indivíduo no fornecimento de um cabedal reflexivo que promova uma compreensão maior sobre si mesmo, sobre o mundo e sobre nossa relação com o outro, bastando ao indivíduo ter curiosidade, ter consigo estímulos de admiração e espanto novamente diante do mundo. No momento em que escrevemos este texto, vários professores de Filosofia, das mais diversas instituições, metodologias e correntes, estão a oferecer *lives* filosóficas abordando temáticas referentes à pandemia, oferecendo cursos *online*, há uma profusão do pensamento filosófico que nos aponta que, mesmo diante dos ataques recentes ao pensamento crítico, a Filosofia ainda possui muito a oferecer, não está despedida agora, e nem estará na sociedade que se prepara para surgir na pós-pandemia, mas antes, propõe um pensar sobre a sociedade e o indivíduo, em contextos dos mais variados – existencial, fenomenológico, epistemológico, axiológico; o que nos revigora e atesta a atualidade do prognóstico de Wittgenstein de que *a Filosofia enterrará seus coveiros!*

Educação e reificação

Há uma tensão que, paradoxalmente, rege o processo de colonização do mundo-da-vida. A racionalização do mundo é uma exigência epistêmico-cognitiva que ocorre gradativamente. Na medida em que ocorre a colonização, estruturas arcaicas de dominação são substituídas, ou como afirma Habermas (1995), são *corrigidas*, às custas de uma subsunção ao controle de esferas administrativas e econômicas. Este processo, de um lado, representa a correção de sistemas tradicionais de dominação, porém, por outro lado, é responsável por um *empobrecimento* comunicacional, um *déficit* gramatical oriundo de uma invasão das esferas internas do mundo-da-vida, que tradicionalmente se reservam à tradição, cultura e personalidade, pelos esquemas de racionalidade administrativa e econômica (HABERMAS, 1981).

As crises surgem quando a estrutura social já não consegue elaborar respostas para uma desintegração institucional que se abate sobre a sociedade (HABERMAS, 1973). É neste momento

que surgem exigências de racionalização no intuito de renovar os estoques gramaticais e hermenêuticos que fornecerão direcionamentos à uma nova perspectiva integracional.

Estamos em meio à um grande vialhão aporético, de uma crise de grandes proporções que nos aponta o quão complexa é a situação atual, sua resolução e possibilidades de uma sociedade pós-pandêmica diferente daquela que abandonamos em dezembro de 2019. E a Educação possui um papel importante e decisivo neste contexto. Porém, o que observamos é um movimento que reflete uma de suas características a qual procuramos nos esquivar historicamente, e está sendo desvelada de forma assaz pela pandemia: a *reificação*.

A Educação encontra termo em seu processo de reificação quando, diante da pandemia pela qual estamos passando, toma como direcionamento as respostas sistêmicas, das quais a maior expressão é o *ensino remoto*. Não se trata aqui, obviamente, de uma abordagem impensada sobre o papel e importância das TICs¹² no contexto da Educação, antes, propomos uma reflexão crítica sobre o processo de reificação pelo qual a Educação veio gradualmente se configurando.

A Educação recebeu impulsos fortes de reificação durante a Revolução Industrial que marcam seu desenvolvimento a partir de então. É no afã de resolver as exigências de racionalização impostas pela nova forma de organização e reprodução da sociedade na Modernidade, que a Educação se distancia do mundo-da-vida assumindo respostas do mundo sistêmico como saída à crise. Esta crise que se abateu sobre a Educação, e também sobre muitos outros campos da experiência humana, é refletida no questionamento acerca da otimização do saber como forma de acompanhar as diretrizes da nova época marcada pelo progresso que surgia com a Modernidade.

Uma Educação que atravessou um longo período em nossa História sem grandes alterações, desde as sociedades de caçadores e coletores até as universidades no final do século XVIII o processo de ensino e aprendizagem era arraigado na *mentoria*. Um processo que lento, longo, marcado por uma proximidade entre docente e discente, e que passou a representar um problema para a nova agenda colocada pela Revolução Industrial, era preciso seguir o ritmo do progresso, era necessário otimização, eficiência e eficácia.

A pandemia colocou em xeque a forma de vida nas sociedades contemporâneas, expondo suas fraturas e contradições de forma inequívoca. Todas as esferas de nossa ação foram colocadas em suspeita e revelados seus núcleos reificados, uma destas esferas é precisamente a Educação. A Educação já há muito tempo apresenta fadigas internas e erosão de seus referenciais humanísticos em detrimento do avanço das forças diretivas do livre mercado – forças sistêmicas, o que a condiciona gradualmente como uma *mercadoria*, e como reforço na manutenção de privilégios na sociedade contemporânea.

A Educação, para adequar-se às novas exigências da forma de vida moderna instauradas pela Revolução Industrial, assume as respostas do mundo sistêmico à crise de racionalização de seus conteúdos internos. Crise esta gerada na passagem de um processo milenar ancorado na *mentoria* para uma forma de orientação otimizada que seguisse os pressupostos dos novos tempos que se erguiam. A Educação, ao assumir as respostas do mundo sistêmico torna-se obcecada pela

¹² Tecnologias da Informação e Comunicação.

eficiência, eficácia, otimização e planificação, omitindo do campo reflexivo o conflito oriundo deste novo modo de ação frente aos seus conteúdos humanísticos.

Isto se traduz atualmente, no cenário pandêmico, na questão seguinte: *Devemos salvar o período escolar ou a vida humana?* Países que já iniciaram um processo de recuperação em virtude do controle das taxas de contaminação pelo novo coronavírus mostraram perigos de novos casos de contaminação ao retornarem às atividades. Outros países debatem a possibilidade de retorno no segundo semestre. No Brasil, considerado um novo epicentro da transmissão do novo coronavírus há uma pressão para o retorno às atividades, sejam elas presenciais como ocorre nos polos de transmissão (São Paulo e Manaus), quer seja em sua forma de ensino remoto (em grande parte da federação).

Em seu aspecto presencial, o retorno às atividades é uma roleta-russa, parte do pressuposto de que munidos de equipamentos de proteção (máscaras, protetores faciais, aventais, etc.) os indivíduos poderão estar novamente inseridos nas atividades escolares salvaguardando assim o colapso oriundo da “perda” de períodos. Esta é uma forma mais agressiva e perigosa, pois se expõe ao risco de contaminação todos os participantes das atividades, expostos à um vírus com muito pouca informação sobre os mesmo, que está a dizimar um número exorbitante de pessoas ao redor do mundo, e que insufla urgência em uma corrida pela criação de vacinas eficazes em diversos laboratórios.

Em suas duas formas de respostas a Educação optou pela resposta sistêmica. Assumiu as respostas do mercado, que lhe coloca diariamente diante dos dados sobre o abismo econômico que se avizinha, e, munido de um discurso ancorado na tecnologia e na ciência (no que lhe convém), promove um sentimento de que se pode retornar prontamente às atividades sem maiores riscos à vida humana. a Educação, neste contexto, ouve os discursos do mercado, impulsos administrativo-burocráticos, e esquece a possibilidade de comunicação, da busca de resoluções com contribuições a partir de suas fontes comunicativas. Recuperar as perspectivas do mundo-da-vida que compõem a Educação pode fornecer estímulos de restauração de seus conteúdos humanísticos.

Não se trata de abandono das respostas sistêmicas, mas antes de uma busca por equilíbrio entre tais respostas e àquelas ínsitas no mundo-da-vida do qual se nutre. É necessário compreender que a organização administrativo-burocrática é parte importante do processo de reprodução social e estratégica da Educação; porém, existem outras perspectivas que exigem seu refreamento, por exemplo, hoje, face ao horror vivenciado por cada indivíduo diante da perda, do isolamento, das incertezas, do desgaste psicológico, físico e emocional, que a Educação possa fornecer elementos para se repensar o humano e suas dimensões, tendo compreensão de que a assunção de respostas sistêmicas novamente acarretarão problemas maiores e mais graves em uma sociedade pós-pandêmica.

Uma Sociedade da Desaceleração

O novo coronavírus (COVID-19) está, por meio do temor, instaurando o que Byung Chul Hahn (2018) denomina de uma *revolução do uso do tempo*, uma revolução forçada e imperativa: *paramos!* Ou quase. De repente, uma sociedade obcecada com a velocidade viu-se forçada a parar. Assim, todos os apelos que assistimos pela economia, pelo retorno de atividades, é marca clara do desespero frente a desaceleração imposta pelo vírus, e desta forma, busca-se uma forma de manter o trabalho mesmo sendo *remoto*. A sociedade contemporânea, dadas as condições de sua formação e enraizamento na ética protestante, tornou vergonhoso o ócio, estigmatizou-o como pecaminoso, e estendeu esta visão para além dos oceanos conceituando os povos que colonizou de adjetivos que se construíram a partir do eixo do trabalho, da negação absoluta e irrestrita do ócio, quem se afastava era compreendido como vagabundo, preguiçoso, primitivo, de índole duvidosa, dentre inúmeros outros.

O ócio é um elemento chave se pensarmos em uma revolução pós-pandêmica aliada à desaceleração. Pois é a partir destes dois conceitos que a Filosofia pode oferecer uma reconstituição das dimensões criativas e também formativas com as quais o humano poderá se redescrever. A redescrição passa por um processo de saída da condição de autorreificação, que podemos compreender como uma atualização contemporânea da *menoridade* kantiana. A autorreificação é a rendição do sujeito aos mecanismos de desestabilização de suas forças de recusa, debilitação do pensamento crítico, e desorientação cultural que direcionam para o consumo; e aqui a aceleração ocupa um papel importante de impedimento de reorganização destas forças psíquicas de resistência, e logo, de reconhecimento de si, é necessário que os sujeitos estejam desertificados, alijados, exilados de si em necessidades forjadas ininterruptamente.

Por isto, uma ética possível para a sociedade pós-pandêmica será uma *ética da desaceleração*. E aqui a Filosofia possui um papel expressivo no fornecimento de aportes reflexivos, de reconstrução de perspectivas críticas sobre si e sobre o mundo, e as relações que perpassam a ambos. Uma ética da desaceleração que possa fornecer neste momento estímulos para uma compreensão do sujeito de que não há nada de pecaminoso em não se fazer nada, algo do qual nos afastamos, o sujeito precisa se reencontrar como forma de suportar o horror ao qual todos nós estamos expostos. Mas este reencontrar-se primeiro é uma luta individual, dado nosso afastamento do âmbito do ócio, e é também uma luta contra as forças institucionais que empurram aos indivíduos perspectivas de manutenção do trabalho em sua forma remota que é a mais selvagem possível, pois nesta versão não há mais espaço para si, mas apenas para o trabalho, para a produção, e neste momento as instituições ao forçarem esta perspectiva apontam seu cerne reificado, instrumentalizado, que não respeita a dor e o horror dos dias atuais. Este pressionamento para a produção remota em tempos de pandemia levará muitos ao colapso, ao surto, à extenuação, às crises de ansiedade e depressão, ao suicídio. O sujeito necessita reaprender a permanência, a habitar o mundo, experimentando coisas simples que nos passavam despercebidas, estar à mesa, sentir o alimento, preparar o alimento, experimentar estar com a família, estar consigo mesmo sem mediação tecnológica, dentre outras.

Em um passo posterior, o desafio será a transição desta ética da desaceleração do âmbito individual para uma desaceleração da ação humana coletiva sobre o planeta. Nesta perspectiva será sobretudo uma ética de encontro e redescoberta do sentido da nossa ação, por que a exploração ilimitada? Atualmente produzimos exponencialmente mais que nossas reais necessidades, e o resultado direto disto traduz-se nos índices elevados de poluição com os quais lidamos atualmente. A desaceleração envolve uma drástica alteração da economia tal qual a conhecemos até o momento, uma alteração no sentido de refreamento do consumo. De repente, todos perceberam que podem permanecer meses sem absorver absolutamente nada, exceto o básico e necessário para a sobrevivência, percebe-se que a aceleração é um mecanismo de reforço do consumismo, pois encobre a produção de necessidades a qual o sujeito está submetido.

Inger Andersen¹³ oferece uma visão do novo coronavírus (COVID-19) como uma mensagem da Natureza endereçada à humanidade, alertando para os riscos de suas ações sobre ela. Utilizando um jargão heideggeriano, podemos dizer que estamos *provocando e incitando* a Terra a trabalhar em seus limites, no extremo de um processo de aceleração constante, que é oriundo dos impulsos religiosos com os quais surgiu também o capitalismo. A aceleração não existe em sociedades que compreendem a dinâmica da vida de modo *cíclico*, é uma ideia estranha à tais sociedades. A perspectiva instaurada pela tradição judaico-cristã insere um processo histórico linear que se estende desde o *fiat lux* – a criação do nada, até a eternidade, e que, em decorrência desta linha cronológica o tempo torna-se precioso, é dinheiro, é acumulação, é preciso extrair o máximo do tempo, instaurando também a ideia clássica e mitológica de um progresso sem limite como fim escatológico, como redenção.

Neste sentido, podemos compreender que o novo coronavírus (COVID-19) é uma mensagem, mas é, sobretudo, também um espelho no qual enxergamos a nós mesmos e nossa ação sobre o mundo. Uma ação *viral* que coloca em risco a própria continuidade da vida no planeta. A analogia entre a espécie humana e as espécies microbianas não é nova, e traz de forma expressiva um panorama do modo específico com o qual exploramos o planeta. Quem assistiu ao filme *Matrix*¹⁴ poderá lembrar-se da cena em que o agente Smith descreve a espécie humana para Morpheus. Esta cena, traz uma importante referência à obra de Jean Baudrillard, e este, por sua vez, traz um texto de Arthur Schnitzler que expressa esta analogia.

Talvez seja possível pensar o desenvolvimento de uma doença infecciosa no corpo humano como a história de uma espécie de micróbios, com origem, apogeu e declínio. História semelhante à da espécie humana, em proporções decerto diferentes, mas idênticas do ponto de vista da ideia [...] Não se poderia então imaginar que a humanidade seja também uma doença para algum organismo superior que não chegamos a perceber como um todo e no qual ela encontra a condição, a necessidade e o sentido de sua existência, tentando destruir esse organismo e sendo obrigada a destruí-lo à medida que se desenvolve – exatamente como a espécie microbiana deseja destruir o indivíduo humano atingido pela doença? E, seguindo este

¹³ ANDERSEN, *Coronavírus: "Nature is Sending us a Message"*, says UN Environment Chief, 2020.

¹⁴ THE MATRIX, 1999.

mesmo raciocínio, será essa a missão de toda a comunidade viva – a da espécie microbiana ou da humanidade – destruir pouco a pouco o mundo que a supera – seja um indivíduo humano, seja o universo¹⁵?

A ética do fim do antropoceno expõe a exaustão humana e do planeta, e sobretudo, ataca o sistema econômico, fazendo retornar uma antiga certeza, borrada por nossa obsessão em explorar o planeta, de que a Economia existe dentro da Natureza, e é totalmente dependente desta; ao contrário, a Natureza não depende da Economia e pode nos dar uma resposta muito dura nos mostrando sua face materna de Medeia. É um momento para ouvirmos a voz de Cassandra a ecoar, tentar compreender que precisamos mudar a forma com a qual nos relacionamos com o mundo. E o imperativo *fica em casa* é, em verdade, um sussurro esfíngico do vírus que pode ser traduzido também em *pare ou devoro-te!*

Uma Sociedade de Controle

Um dos problemas enfrentados em um horizonte pós-pandêmico será o problema da *autonomia*. Quando a China, em decorrência do uso de tecnologias de reconhecimento facial e outros mecanismos, conseguiu impor um *lockdown* de forma rígida, o que foi decisivo no controle do vírus, o mundo observou atônito pensando tratar-se de mais uma medida de um governo ditatorial, mas o fato é que atualmente medidas estudadas por países ocidentais também assumem um caráter autoritário e, aparentemente, transitam em direção à uma sociedade distópica marcada pelo controle. Aqui se coloca novamente a questão da liberdade e do autoritarismo. De um lado, os estados caminham para um autoritarismo, de outro, as populações desarmadas em sua capacidade de dar respostas, ainda sob efeito da ressaca pós-pandemia e do temor, irão acenar positivamente para a implementação deste sistema.

A autonomia figura dentro das principais noções da Filosofia Moral Contemporânea, atravessando o conturbado século XX, porém, sem atingir plenamente sua outra face: a responsabilidade. A autonomia, ser livre, significa necessariamente ser responsável, incorre em responsabilidade. E aqui recuamos à uma compreensão do caráter de *alteridade* do termo que evoca vínculo, promessa, oferecimento, um *com-prometer-se* com os outros, em suma, responsabilidade¹⁶. Hoje, o isolamento social, compreendido como *isolamento solidário*¹⁷ denota o estabelecimento deste vínculo. Grande parte dos isolados socialmente no mundo estão nesta condição seguindo as

¹⁵ SCHNITZLER *Apud* BAURILLARD, *A Transparência do Mal*, 1992, pp. 171-172.

¹⁶ O termo *resposta* vem do latim *reponere* de *re-* novamente, de novo, e *ponere* – colocar, pôr. Resposta é, portanto, recolocar, repor, restabelecer. Há também uma compreensão do termo derivar de *respondere*, de *re-* indicando intensidade e *spondere* significando “oferecer”, “prometer”, neste sentido, a resposta é tida como “fazer uma promessa”, por esta relação com o estabelecimento de um vínculo *respondere* será também a raiz etimológica de “responsabilidade”, a habilidade de estabelecer vínculo, de responder, de *com-prometer-se* com os outros. WATKINS, Calvert. *The American Heritage Dictionary of Indo-European Roots*. Boston: Houghton Mifflin Harcourt, 2011.

¹⁷ Cf. SILVANO, Gustavo. *Isolamento Solidário*. Revestrés. 2020.

medidas emergenciais da Organização Mundial da Saúde (OMS) e dos respectivos órgãos de saúde de seus países. Este aspecto solidário reforça seu conteúdo de alteridade, proteger os mais vulneráveis, aqueles que estão nos grupos de risco, independentemente se possuímos anticorpos contra o vírus ou não, reforça também seu caráter como um imperativo categórico: *ficar em casa é ser solidário com todos os outros sujeitos e principalmente com aqueles que estão nos grupos de risco, é salvar vidas; logo, é uma ação moral que pode ser repetida por toda a comunidade humana.*

Munidos de um sentimento de que a fase mais aguda da pandemia tenha passado, o desafio de países atingidos agora é como proceder ao retorno às atividades sem incorrer em uma nova onda de infecções? É neste momento que podemos compreender que aquela sociedade da qual nos retiramos não existe mais, o retorno não passa por um simples abrir as portas e regressar para a sociedade, mas antes, restará a suspeita ainda do vírus, que enquanto não se descobre uma vacina eficaz e segura certamente será o outro absoluto, aquele do qual ainda nada sabemos com exatidão. E neste sentido, iniciam-se movimentações no intuito de se desenhar um quadro possível para o retorno, e estas movimentações ressuscitam antigos desejos de autoritarismo, vigilância e controle.

Diante do arrefecimento da expansão do vírus as perguntas serão: Como retornar? E Quem poderá retornar? A partir destas perguntas alguns países estão adiantando-se na construção de verdadeiras distopias contemporâneas. A China, como epicentro do vírus, já possuía um forte aparato de reconhecimento facial, fato que lhe rende críticas por parte das repúblicas democráticas ocidentais e que já geravam polêmicas quanto ao nível de controle e de coleta de dados que o estado possuía sobre os indivíduos. Recentemente, frente à crise provocada pelo espraiamento do novo coronavírus (COVID-19), empresas de tecnologia de reconhecimento facial e grupos políticos, aproveitam a situação gerada pela pandemia, e procuram criar, por meios políticos, mercados lucrativos com o reconhecimento facial.

A pandemia de coronavírus está criando um mercado lucrativo para os fabricantes de reconhecimento facial. Mas questões de privacidade precisam ser lembradas, alertam especialistas em tecnologia. No meio da pandemia de coronavírus em andamento, a tecnologia de reconhecimento facial está sendo adotada globalmente como uma maneira de rastrear a propagação do vírus. Mas os especialistas em privacidade temem que, na pressa de implementar os recursos de rastreamento do novo coronavírus (COVID-19), questões importantes e profundamente enraizadas em torno da coleta e armazenamento de dados, consentimento do usuário e vigilância sejam deixadas de lado¹⁸.

Empresas procuram fornecer tecnologia de reconhecimento facial mesmo em situações em que os indivíduos estejam de máscaras, e propõem um acirramento do reconhecimento em espaços e transportes públicos que estariam a monitorar também a temperatura corporal, podemos emitir informações sobre a presença de possíveis infectados. O fato é que, neste momento, a população

¹⁸ O'DONELL, 2020.

está enfraquecida de seus impulsos de rejeição, um campo propício a aceitação destas novas realidades e normalização das mesmas. O problema se traduz em quais as garantias de que estas medidas não ampliarão o índice de segregação no tecido social? Pessoas já estão sendo segregadas e hostilizadas por terem contraído a COVID-19, e aparentemente, as medidas seguem para um acirramento deste quadro de segregação.

A Itália, também movida por um sentimento de redução do quadro agressivo da pandemia, está a propor um cenário ainda mais moldado sobre a segregação e a distopia. Buscando uma forma de retorno às atividades, grupos de funcionários da saúde e políticos, propuseram como medida a adoção de um marcador imunológico como critério para se permitir o retorno às atividades, ou seja, o retorno será possível mediante a posse de anticorpos contra o novo coronavírus¹⁹, neste caso, e quem não possuir os anticorpos ideais? Esta proposta italiana soa mais próxima de sociedades como a descrita no universo *sci-fi* do filme *Gattaca*, sendo o controle genético agora assumido no controle imunológico²⁰.

Em Israel a situação não é diferente, serviço secreto e autoridades políticas estruturam um cenário marcado pela ampliação do poder do serviço secreto para o combate a pandemia, implicando na permissão do rastreamento de ligações telefônicas para localização de pessoas infectadas e no monitoramento da movimentação de pessoas pelo país. É a primeira democracia a utilizar amplamente o serviço secreto na vigilância dos cidadãos, tendo como argumento o combate a pandemia, enquanto em países como a China e outros fazem uso de recursos tecnológicos, Israel reforça um elemento diferente: a espionagem, ampliando de forma massiva o controle sobre seus cidadãos.

Estas medidas tomadas em meio ao cenário da pandemia possuem uma característica semelhante, em todas há uma obscuridade acerca do nível de controle utilizado, o fluxo de dados pessoais em jogo, e seus impactos na privacidade dos indivíduos. Ambos se nutrem do calor e do temor do momento para passarem tais perspectivas pelo poder político, mesmo com uma nuvem densa, e uma forte dúvida sobre o que será no dia após a pandemia. Serão medidas temporárias? Quais as garantias à democracia em um horizonte pós-pandêmico?

Considerações Finais

A sociedade para a qual regressaremos depende da assunção dos problemas bioéticos na emergência do agora. Longe de fazer futurologia, pensar estes problemas delineiam possíveis saídas para a sociedade que teremos em um horizonte pós-pandemia. Para qual sociedade regressaremos? Esta questão nos provoca a pensarmos sobre as vozes que anunciaram as tragédias desde Cassandra. Esta sociedade para a qual regressaremos depende da abertura da escuta a estas vozes. Somos uma sociedade que se estruturou sob o signo do olho, da imagem, da visão. A escuta – o outro lado da

¹⁹ HOROWITZ, *In Italy, Going Back to Work May Depend on Having the Right Antibodies*, 2020.

²⁰ BUENO, *De Gattaca à Lombardia: Proteção ou Segregação?* 2020.

formação de nossa consciência, não é estimulado, e neste sentido, mesmo as vozes anunciando a catástrofe, foram colocadas na mesma situação de Cassandra, não foram ouvidas, ou quando muito, foram esquecidas.

Este período de pandemia nos consome com a perspectiva de que nada do que deixamos lá fora será o mesmo. O mundo mudou, não há o mesmo mundo e a mesma vida para se regressar. Tudo estará diferente, inclusive nós mesmos estamos em transição. De repente, o vírus coloca diante da espécie humana um imperativo para o qual, mesmo com todos os desastres ambientais, climáticos, sociais, não se surtiu efeito: *parar ou se extinguir*. Colocou de forma clara, diante de cada indivíduo, a sombra bem delineada da morte. Primeiro era a morte dos chineses, e fomos para a praia, depois foi a morte dos italianos, que também haviam ido para a praia, logo após, a morte dos brasileiros, dos conterrâneos de estado, de cidade, de bairro, de rua, da família, o vírus colocou a morte próxima de cada um. Também redescreve a humanidade sob o prisma antropológico da fragilidade e da vulnerabilidade.

Desde os alvares da Modernidade a humanidade encontra-se em um processo de transição, não temos mais um mundo anterior, um mundo do qual podemos nutrir exemplos e conteúdos normativos. Estamos em meio à encruzilhada. Buscar novos valores, novos conteúdos normativos, e o vírus acirrou esta urgência, a sociedade pós-pandêmica será marcada por desafios que devem ser pensados, e sobretudo, enfrentados agora. E neste sentido, a Filosofia e a Educação possuem papel e importância ímpares neste processo; mediante à proposição de nichos e possibilidades de tradução dos discursos na esfera pública, o que pode ser articulado como impulsos de reabilitação à erosão de conteúdos humanísticos como eixos também necessários para a construção de uma sociedade pós-pandêmica que verdadeiramente seja diferente da que veio historicamente sendo construída.

Referências / References

ANDERSEN, I. Coronavírus: “Nature is Sending us a Message”, says UN Environment Chief. *The Guardian*. March 25, 2020. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/world/2020/mar/25/coronavirus-nature-is-sending-us-a-message-says-un-environment-chief>>. Acesso em: 28/04/2020.

BAUDRILLARD, Jean. *A transparência do mal. Ensaios sobre fenômenos extremos*. 2. ed. Campinas: Papirus, 1992.

BATISTA, G. S. Isolamento Solidário. *Revista Revestrés*. 20 de março de 2020. Disponível em: <<http://www.revistarevestres.com.br/blog/brobro/isolamento-solidario/>>. Acesso em: 21/03/2020.

BUENO, L. De Gattaca à Lombardia: Proteção ou Segregação? *Off-Lattes*. 06/04/2020. Disponível em: <<https://offlattes.com/archives/2478>>. Acesso em: 08/04/2020.

CORTINA, Adela. *Aporofobia, el rechazo al pobre. Um desafio para a democracia*. Barcelona: Paidós, 2017.

FRIEDMAN, A. Coronavirus and the Crisis of Trust. *The Hastings Center: Ethics Researches on Coronavirus (COVID-19)*. 12 march 2020. Disponível em: <<https://www.thehastingscenter.org/coronavirus-and-the-crisis-of-trust/>>. Acesso: 16/03/2020.

GOICHMAN, R. *Israel is the Only Democracy its Secure Services to Track Coronavirus Victims*. *Ha'aretz*. May 1, 2020. Disponível em: <<https://www.haaretz.com/israel-news/.premium-israel-is-the-only-democracy-using-its-security-services-to-track-virus-victims-1.8712554>>. Acessado em: 30/04/2020.

HABERMAS, J. *Legitimationsprobleme im Spätkapitalismus*. Frankfurt: Suhrkamp, 1973.

HABERMAS, J. *Theorie des kommunikativen Handelns*. Bd. 2: *Zur Kritik der funktionalistischen Vernunft*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1981.

HAN, B-C. (2018). Byung-Chul Han: Hoje o indivíduo se explora e acredita que isso é realização. *El País*. Entrevista a Charles Geli. Barcelona. 7 feb 2018. Disponível em:

<https://brasil.elpais.com/brasil/2018/02/07/cultura/1517989873_086219.html>. Acesso em: 16/03/2020.

HEIDEGGER, M. *Já só um Deus nos pode ainda salvar*. Trad. Irene Borges Duarte Coleção: Textos Clássicos de Filosofia. Covilhã-Portugal: Universidade da Beira Interior/Lusosofia Press, 2009. Disponível em: <http://www.lusosofia.net/textos/heidegger_ja_so_um_deus_nos_pode_ainda_salvar_der_spiegel.pdf>. Acesso em: 28/04/2020.

HOROWITZ, J. In Italy, Going Back to Work May Depend on Having the Right Antibodies. *The New York Times*. April 4, 2020. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2020/04/04/world/europe/italy-cononavirus-antibodies.html>>. Acesso: 08/04/2020.

LEI, R.; QIU, R. (2020). Chinese Bioethicists: Silencing Doctor Impeded Early Control of Coronavirus. *The Hastings Center: Ethics Researches on Coronavirus (COVID-19)*. 12 march 2020. Disponível em: <<https://www.thehastingscenter.org/coronavirus-doctor-whistleblower/>>. Acesso em: 16/03/2020.

O'DONELL, L. COVID-19 Spurs Facial Recognition Tracking, Privacy Fears. *Threat Post*. March 20, 2020, 9:54 am. Disponível em: <<https://threatpost.com/covid-19-spurs-facial-recognition-tracking-privacy-fears/153953/>>. Acesso em: 08/04/2020.

RATCLIFFE, R; STANDAERT, Michael. China Coronavirus: Mayor of Wuhan Admits Mistakes. *The Guardian*. 27 janeiro 2020. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/science/2020/jan/27/china-coronavirus-who-to-hold-special-meeting-in-beijing-as-death-toll-jumps>>. Acesso em: 16/04/2020.

THE MATRIX. Direção: Lilly Wachowski e Lana Wachowski. Produção de Roadshow pictures & Silver Pictures. Australia: Warner Bros, 1999, 1 DVD.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. *Novel Coronavirus (2019 – nCoV) Situation Report 1*. 21 January 2020. Disponível em: <https://www.who.int/docs/default-source/coronaviruse/situation-reports/20200121-sitrep-1-2019-ncov.pdf?sfvrsn=20a99c10_4>. Acesso em: 19/03/2020.